

PARTE I

1

Mariam tinha cinco anos a primeira vez que ouviu a palavra *barami*. Aconteceu numa quinta-feira. Deve ter sido, pois Mariam lembrava-se de ter estado inquieta e preocupada nesse dia, como só acontecia às quintas-feiras, o dia em que Jalil a ia visitar à *kolba*. Para passar o tempo até ao momento em que finalmente o veria acenar-lhe enquanto atravessava a clareira com erva pela altura do joelho, Mariam subira a uma cadeira e tirara para baixo o serviço de chá chinês da mãe. O serviço de chá era a única relíquia que Nana, a mãe de Mariam, possuía da sua própria mãe, falecida tinha ela dois anos. Nana venerava cada uma das peças de porcelana azul e branca, a curva graciosa do bojo do bule, os tentilhões e crisântemos pintados à mão, e no açucareiro o dragão destinado a afastar o mal.

Foi essa última peça que se escapou dos dedos de Mariam, caiu nas tábuas de madeira do chão da *kolba* e se estilhaçou.

Quando Nana viu o açucareiro, o seu rosto ficou contraído, o lábio superior tremeu e os olhos, tanto o preguiçoso como o bom, pousaram fixamente em Mariam. Parecia tão furiosa que Mariam receou que os *jinn* voltassem a entrar no corpo da mãe. Mas os *jinn* não vieram dessa vez. Nana agarrou Mariam pelos pulsos, puxou-a para si e atirou-lhe por entre os dentes cerrados: — És uma pequena *barami* desastrada. É esta a minha recompensa por tudo o que tenho suportado. Uma pequena *barami* desastrada que parte peças de família.

Na altura, Mariam não compreendeu. Não sabia o significado daquela palavra *barami*, bastardo. Nem tinha idade suficiente para se aperceber da injustiça, para ver que os culpados são os criadores do *barami* e não o *barami*, cujo único pecado é ter nascido. Mas, pela maneira como Nana pronunciou a palavra, Mariam calculou que ser *barami* era uma coisa horrenda, odiosa, como um insecto, como as

baratas que corriam pela *kolba* e Nana estava constantemente a amaldiçoar e a enxotar lá para fora.

Mais tarde, quando era mais velha, Mariam compreendeu. Fora a maneira como Nana proferira a palavra, mais cuspidada do que dita, que a fizera sentir a sua verdadeira ferroadada. Compreendeu, então, o que Nana queria dizer, que um *barami* era uma coisa indesejada; que ela, Mariam, era ilegítima e que nunca teria o direito legítimo de reivindicar as coisas que as outras pessoas possuíam, coisas como amor, família, lar, aceitação.

Jalil nunca lhe chamara tal. Jalil dizia que ela era a sua pequena flor. Gostava de a sentar ao seu colo e de lhe contar histórias, como daquela vez em que lhe dissera que Herat, a cidade onde Mariam nascera em 1959, fora em tempos o berço da cultura persa, lar de escritores, pintores e sufis.

— Não se podia estender uma perna sem dar um pontapé no rabo de um poeta — comentara ele, a rir.

Jalil contara-lhe a história da rainha Gauhar Shad, que no século XV mandara erguer os famosos minaretes como ode do seu amor a Herat. Descrvera-lhe os verdes campos de trigo de Herat, os pomares, as vinhas prenhes de nédias uvas, os bazares da cidade, de tectos em abóbada e sempre apinhados.

— Há lá uma árvore de pistácio — dissera Jalil um dia — e debaixo dela, Mariam jo, está sepultado nada mais nada menos do que o grande poeta Jami. — Inclinará-se e sussurrará: — Jami viveu há mais de quinhentos anos. A sério. Uma vez levei-te lá, ao pé da árvore. Eras tu pequenina. Não podes lembrar-te.

Era verdade. Mariam não se lembrava. E embora tivesse vivido os primeiros quinze anos da sua vida a meia dúzia de passos de Herat, Mariam nunca veria aquela famosa árvore. Nunca veria os famosos minaretes de perto, e nunca colheria frutos dos pomares de Herat nem vaguearia pelas suas searas. Mas sempre que Jalil falava assim, Mariam escutava encantada. Admirava Jalil pelos seus vastos conhecimentos e experiência. Estremecia de orgulho por ter um pai que sabia tais coisas.

— Que ricas mentiras! — exclamava Nana após a partida de Jalil. — Um homem rico a contar ricas mentiras. Ele nunca te levou a ver árvore alguma. E tu não te deixes fascinar. Ele traiu-nos, o teu pai adorado. Expulsou-nos. Expulsou-nos da sua grande casa luxuosa como se não lhe fôssemos nada. E fê-lo alegremente.

Mariam ouvia obedientemente. Nunca se atrevera a dizer a Nana o quanto detestava que ela falasse assim de Jalil. A verdade era que,

junto dele, Mariam nunca se sentira de todo uma *barami*. Durante uma ou duas horas às quintas-feiras, quando Jalil chegava para a ver, todo sorrisos, presentes e meiguices, Mariam sentia-se merecedora de toda a beleza e generosidade que a vida tinha para oferecer. E por isso, Mariam amava Jalil.

MESMO TENDO de o partilhar.

Jalil tinha três esposas e nove filhos, nove filhos legítimos, todos uns estranhos para Mariam. Era um dos homens mais abastados de Herat. Possuía um cinema, que Mariam nunca vira, mas que Jalil lhe descrevera a instâncias suas, e por isso ela sabia que a fachada era de mosaicos de terracota azul e amarelo-torrado, que tinha balcões compartimentados e um tecto de treliça. Portas duplas oscilantes abriam para um átrio revestido de mosaicos onde havia *posters* de filmes indianos em mostruários de vidro. Às terças-feiras, dissera um dia Jalil, as crianças recebiam gelados gratuitos no quiosque da concessão.

Nana sorria recatadamente ao ouvir aquilo. Esperara até ele ter saído da *kolba* para dizer com uma risada amarga: — Os filhos dos estranhos recebem gelados. E tu o que recibes, Mariam? Histórias de gelados.

Além do cinema, Jalil possuía propriedades em Karokh, propriedades em Farah, três armazéns de tapetes, uma loja de roupa, e um *Buick Roadmaster* preto de 1956. Era um dos homens mais bem relacionados de Herat, amigo do Presidente da Câmara e do Governador da Província. Tinha cozinheira, motorista e três empregadas domésticas.

Nana fora uma dessas empregadas. Até a barriga lhe começar a crescer.

Quando isso acontecera, contara Nana, a família de Jalil ficara sem fôlego e o seu sufoco colectivo sugara todo o ar de Herat. Os parentes das esposas juraram que seria derramado sangue. As esposas exigiram que ele a expulsasse. O próprio pai de Nana, um insignificante gravador de pedra na vizinha aldeia de Gul Daman, tinha-a repudiado. Desonrado, fizera as malas e partira de camioneta para o Irão, e nunca mais fora visto nem se ouvira falar dele.

— Às vezes — dissera Nana uma manhã, enquanto alimentava as galinhas no exterior da *kolba* — gostava que o meu pai fosse o género de homem com estômago para afiar uma das suas facas e lavar a honra. Talvez tivesse sido melhor para mim. — Atirara outra mão cheia de sementes para a capoeira, detivera-se, e olhara para Mariam. — E

também melhor para ti, talvez. Ter-te-ia poupado o desgosto de saberes que és aquilo que és. Mas o meu pai era um covarde. Não teve *dil*, não teve coragem para tal.

Jalil tampouco tivera o *dil* necessário para proceder com honra. Enfrentar a família, as esposas e os respectivos parentes, assumindo a responsabilidade por aquilo que fizera. Em vez disso, chegara, apressadamente e à porta fechada, a um acordo que lhe permitisse salvar a face. No dia seguinte, ordenara-lhe que fosse buscar os seus parcos haveres aos alojamentos dos criados onde ela vivia, e mandara-a embora.

— Sabes o que ele disse às esposas, à laia de defesa? Que eu é que o *seduzi*. Que a culpa era minha. *Didi*? Percebes? É isto que significa ser mulher neste mundo.

Nana pousou a taça da comida das galinhas. Levantou o queixo de Mariam com um dedo.

— Olha para mim, Mariam.

Relutantemente, Mariam obedeceu.

Nana disse: — Aprende já isto e aprende bem, minha filha: assim como a agulha de uma bússula aponta para o Norte, também o dedo acusador de um homem encontra sempre uma mulher. Sempre. Recorda-te disso, Mariam.

2

— Para Jalil e as esposas dele, eu era uma erva-dos-cancros. Uma artemísia. E tu também. E nem sequer ainda eras nascida.

— O que é uma artemísia? — perguntou Mariam.

— Uma erva daninha — respondeu Nana. — Uma coisa que se arranca e deita fora.

Intimamente, Mariam franziu o sobrolho. Jalil não a tratava como uma erva daninha. Nunca tal fizera. Mas achou prudente abafar esse protesto.

— Mas ao contrário das ervas daninhas, eu tinha de voltar a ser plantada, percebes, de receber comida e água. Por tua causa. Foi esse o acordo que Jalil fez com a família dele.

Nana afirmou que se recusara a viver em Herat.

— Para quê? Para ficar a vê-lo passear-se pela cidade de automóvel, durante todo o dia, com as suas esposas *kinchini*?

Disse que também não quisera ir instalar-se na casa do pai, agora vazia, na aldeia de Gul Daman, situada numa íngreme colina dois quilómetros a norte de Herat. Queria ir viver para um sítio afastado, isolado, onde a vizinhança não ficasse a olhar para a sua barriga, a apontasse a dedo, soltasse risinhos ou, pior ainda, a agredisse com falsas amabilidades.

— E podes crer que para o teu pai foi um alívio ter-me longe da vista. Calhou-lhe à maravilha.

Fora Muhsin, o filho mais velho de Jalil e da sua primeira esposa, Khadija, que sugerira a clareira. Ficava nos arredores de Gul Daman. Para lá chegar, tomava-se um caminho de terra batida, atravessado por sulcos de rodas, que subia a colina saindo da estrada principal entre Herat e Gul Daman, ladeado por erva que chegava ao joelho e manchas de flores brancas e amarelas. Serpenteava colina acima, conduzindo a um campo plano onde se erguiam diferentes espécies de

choupos e o matagal crescia em magotes. Lá de cima, para a esquerda, avistavam-se as pontas das lâminas ferrugentas do moinho de vento de Gul Daman, e à direita era toda a cidade de Herat que se estendia lá em baixo. O caminho terminava perpendicular a um riacho largo, pejado de trutas, que descia das montanhas Safid-koh em redor de Gul Daman. Duzentos metros rio acima, havia um pequeno bosque circular de salgueiros-chorões e no centro, à sombra das árvores, ficava a clareira.

Jalil fora até lá dar uma olhadela. Ao voltar, disse Nana, parecia o director de um presídio a gabar-se das paredes limpas e soalhos reluzentes da sua prisão.

— E foi assim que o teu pai nos construiu este ninho de ratos.

NANA QUASE CHEGARA a casar, aos quinze anos. O pretendente era um rapaz de Shindand, um jovem vendedor de periquitos. Mariam ouvira a história da própria Nana e, embora esta menosprezasse o episódio, Mariam percebeu pela luz sonhadora do seu olhar que ela se sentia feliz. Provavelmente pela única vez na sua vida, durante aqueles dias que deveriam ter conduzido ao casamento, Nana fora genuinamente feliz.

Enquanto Nana contava a história, Mariam, sentada ao seu colo, imaginava a mãe a provar um vestido de noiva. Via-a montada num cavalo, sorrindo timidamente por trás do véu do fato verde, as palmas vermelhas de hena, o cabelo com risco ao meio salpicado de prateado, as tranças unidas com resina. Via músicos soprando a flauta *shabnai* e tocando tambores *dobol*, os miúdos da rua a perseguir-los com apupos.

Depois, uma semana antes da data do casamento, um *jinn* entrara no corpo de Nana. Mariam não precisou de uma descrição. Já testemunhara isso vezes suficientes com os seus próprios olhos: Nana tombava subitamente, o corpo tenso, rígido, os olhos revirados, os braços e as pernas a tremer como se alguma coisa a estivesse a estrangular lá por dentro, a espuma na boca, branca, às vezes rosada de sangue. Depois o torpor, a desorientação assustadora, o balbuciar incoerente.

Quando as notícias chegaram a Shindand, a família do vendedor de periquitos cancelara o casamento.

— Ficaram tão assustados como se tivessem visto um fantasma — era o comentário de Nana.

O vestido de noiva fora guardado. Depois disso, não houvera mais pretendentes.

NA CLAREIRA, Jalil e os filhos Farhad e Muhsin tinham construído a pequena *kolba* onde Mariam iria viver os primeiros quinze anos da sua vida. Ergueram-na com tijolos secos ao sol, e unidos com lama e mancheias de palha. Tinha dois catres, uma mesa de madeira, duas cadeiras de costas direitas, uma janela, e prateleiras pregadas às paredes, onde Nana pusera tachos de barro e o seu querido serviço de chá chinês. Jalil levava um fogão de ferro fundido novo para o Inverno e empilhara lenha cortada por trás da *kolba*. No exterior, acrescentara um *tandur* para cozer pão e uma capoeira rodeada por uma cerca. Trouxera algumas ovelhas e construíra uma gamela para lhes pôr a comida. Mandara Farhad e Muhsin cavar um buraco fundo, uns cem metros para lá do círculo dos salgueiros, e construir-lhe por cima uma latrina.

Jalil podia ter contratado operários para construir a *kolba*, disse Nana, mas não o fizera.

— Era a sua ideia de penitência.

SEGUNDO O RELATO DE NANA, quando ela dera à luz Mariam, ninguém fora dar-lhe uma ajuda. Fora num dia húmido e encoberto, na Primavera de 1959, disse ela, o vigésimo sexto dos quarenta anos do reinado essencialmente calmo do rei Zahir Shah. Disse que Jalil não se dera ao trabalho de chamar um médico, nem sequer uma parteira, apesar de saber que o *jinn* podia entrar no seu corpo e provocar-lhe um dos seus ataques durante o parto. Ela estendera-se, completamente só, no chão da *kolba*, uma faca ao lado, o corpo alagado de suor.

— Quando a dor se tornava mais forte, eu mordida uma almofada e gritava para dentro dela até estar rouca. E continuava a não aparecer ninguém para me enxugar a cara ou me dar um gole de água. E tu, Mariam jo, não tinhas pressa nenhuma. Obrigaste-me a ficar estendida naquele chão frio e duro quase dois dias. Não comi nem dormi, limitava-me a fazer força e a rezar para que tu saíesses.

— Desculpa, Nana.

— Fui eu própria que cortei o cordão entre nós. Era para isso que tinha uma faca.

— Desculpa.

Nana fazia sempre um sorriso lento e dorido nessa altura, de recriminação prolongada ou perdão relutante, Mariam nunca percebera. Não ocorrera à jovem Mariam ponderar a injustiça de pedir desculpa pelas circunstâncias da sua vinda ao mundo.

Quando tal lhe ocorreu, por volta dos dez anos, já deixara de acreditar nesse relato do seu nascimento. Acreditava na versão de Jalil,

segundo a qual ele, embora ausente, providenciara que Nana fosse conduzida a um hospital em Herat, onde fora assistida por um médico. Estivera deitada numa cama verdadeira e limpa, numa sala bem iluminada. Jalil abanara a cabeça com tristeza quando Mariam lhe falara da faca.

Mariam passou mesmo a duvidar de ter feito a mãe sofrer durante dois dias inteiros.

— Contaram-me que estava tudo acabado em menos de uma hora — dissera Jalil. — Tu foste uma boa filha, Mariam jo. Até a nascer foste uma boa filha.

— Ele nem sequer lá estava! — atirara Nana, com desprezo. — Estava em Takht-e-Safar, a andar a cavalo com os seus preciosos amigos.

Quando o informaram de que tinha uma nova filha, disse Nana, Jalil encolhera os ombros, continuara a afagar a crina do cavalo, e permanecera em Takht-e-Safar durante mais duas semanas.

— A verdade é que ele nem sequer te pegou senão quando já tinhas um mês. E mesmo então, limitou-se a lançar-te uma olhadela, a fazer um comentário acerca da tua cara comprida, e voltou a entregar-te a mim.

Mariam acabou por não acreditar também nessa parte da história. Sim, Jalil admitira que estava a andar a cavalo em Takht-e-Safar, mas quando lhe deram a notícia não encolhera os ombros. Saltara para a sela e cavalgara de volta a Herat. Erguera-a nos braços, passara o polegar pelas suas sobrancelhas escamadas, e entoara uma canção de embalar. Mariam não imaginava Jalil a dizer que ela tinha a cara comprida, ainda que isso fosse verdade.

Nana dizia que fora ela a dar-lhe o nome de Mariam, porque era assim que se chamava a sua mãe. Jalil disse que escolhera esse nome porque Mariam, a tuberosa, era uma flor encantadora.

— A sua preferida? — perguntara Mariam.

— Bem, uma delas — anuíra ele, sorrindo.